



065 - Levantamento e características dos cursos de agroecologia e a sua relação com a educação formal no Brasil

Survey and characteristics of courses for agriculture ecological and its relation to formal education in Brazil

PINTO, Diogo de Souza. PPGEduc/UFRRJ, diogomococa@yahoo.com.br; ALMEIDA, Sara Lima de. UFRRJ; RAMOS, Lílian Maria Paes de Carvalho. IM/UFRRJ, lilianmpcramos@yahoo.com.br; OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira. IE/UFRRJ, liamar@ufrj.br.

Resumo

A criação de cursos de agroecologia tem sido palco de interesse de pesquisadores da área de educação formal, que tentam compreender seus processos e elos com os movimentos sociais e a agricultura familiar. Este artigo trata sobre um levantamento acerca destes cursos no Brasil e algumas de suas configurações. Atualmente são 111 cursos registrados no MEC, sendo 85 técnicos e 26 de nível superior. Os cursos apresentam certa diversidade que vai desde sua origem, perspectiva, modalidade até espaços formativos. A Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância são configurações identitárias da maior parte deles. A cultura popular atrelada ao saber científico é uma característica política e curricular marcante da maior parte dos cursos que tem origem nas propostas dos movimentos sociais.

Palavras-chave: ensino técnico, formação superior, sustentabilidade, meio ambiente.

Abstract

The creation of courses in ecological agriculture has become a theme of interest to researchers in the field of formal education that try to understand their processes and links to social movements and family farming. This article discusses a survey on these courses in Brazil and some of their settings. Currently there are 111 registered courses in the Ministry of Education, 85 of which are held at community colleges and 26 are undergraduate courses. The courses present some diversity ranging from origin to perspectives, forms and training spaces. They are either linked to the group called Educação do Campo (Rural Education) or to the group that adopts the Alternation Pedagogy configuration. Popular culture linked to scientific knowledge is a characteristic feature of curriculum policy and most of the courses originate through propositions of social movements.

Keywords: community colleges, undergraduate courses, sustainability, environment.

Introdução

No campo do ensino agrícola fica evidente o embate entre duas perspectivas de formação. De um lado destaca-se aquela fundamentada na agricultura moderna nos moldes da Revolução Verde preconizada pelo industrialismo no campo. Outro modelo, contraposto, aborda e pratica a produção segundo os conceitos ecológicos para o desenho de agrossistemas sustentáveis, que a partir dos anos 1990 começa a se difundir na sociedade pela denominação de “Agroecologia” (WEID, 2012). A Agroecologia sem ainda ser compreendida como um saber/fazer unificado e



amplamente adotado pela academia se configura a partir das experiências de trabalho geradas na organicidade dos movimentos sociais e também de práticas agrícolas muito antigas, que ao serem negligenciadas pela ciência moderna, foram se perdendo como saberes. Recentemente começaram a surgir os cursos de agroecologia no Brasil na medida em que foram surgindo as políticas públicas de educação do campo e também quando os movimentos sociais do campo passaram a conquistar espaços políticos em âmbito institucional. Este ensaio trata sobre um levantamento de dados desses cursos de agroecologia, propondo trazer um estudo através de leituras em artigos, documentos, visita as Instituições e participação em eventos da área.

A agroecologia na educação formal

A inserção da agroecologia na educação formal começou a ser debatido entre estudantes e educadores nos anos 1980 a partir de questionamentos dos sujeitos que não concordavam com uma agricultura baseada na adoção de técnicas e o modo de produção agressivo ao ambiente natural que vinham destruindo os grandes biomas. De acordo com Aguiar (2010), este processo vem sendo desenhado pelos centros acadêmicos, grupos de agricultura alternativa e grupos de estudos que conduzem iniciativas procurando manter a discussão sobre agroecologia dentro das Instituições. A agroecologia tem figurado no campo da educação formal de muitas formas, nos últimos anos, principalmente a partir dos anos de 2000. As principais formas de institucionalização tem se dado pela oferta de uma ou outra disciplina oferecida aos cursos ligados às Ciências Agrárias ou, ainda, no formato de cursos de Agroecologia de nível médio/técnico, superior e de pós-graduação

A criação desses cursos gera no interior dessas instituições inquietações do tipo: cabe uma proposta formativa que apenas faça a internalização dos paradigmas da agroecologia nos cursos tradicionais? A quem interessa a agroecologia como processo de produção do conhecimento e de identidades afirmativas? Segundo Costa (2010), tal proposta é coerente, entendendo-se o espaço acadêmico como um *lôcus* de debate de ideias e proposições das distintas escolas e correntes do pensamento humano. Muitas destas experiências são originárias do protagonismo dos movimentos sociais como os cursos de Educação do Campo. Alguns cursos se consolidaram através de críticas de sujeitos do campo ao ensino convencional das escolas técnicas. Surgiram cursos motivados pelo crescimento da produção orgânica e da demanda por este tipo de produto. Existiam cursos que já apresentavam essa abordagem e que passaram a se denominar por Agroecologia através do Catalogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia e de Nível Médio do MEC. No entanto, não se sabe ao certo sobre a criação desses cursos, em quais leituras da agroecologia estão amparadas, quais educadores estão envolvidos nesse processo ou quais seus problemas e avanços em direção a uma educação mais comprometida com o desenvolvimento rural, a sustentabilidade da produção agropecuária e florestal e com a educação do campo (BRASIL, 2009b).

Os cursos de agroecologia no Brasil

Foram registrados no MEC 111 cursos de agroecologia em todo Brasil, entre técnicos, tecnológicos e bacharelados. Na Região Nordeste são 39 cursos (28 técnicos e 11 superiores); Região Sul - 28 (23 técnicos e 5 superiores); Região Sudeste - 24 (21 técnicos e 3 superiores); Região Norte - 13 (8 técnicos e 5 superiores) e Região Centro Oeste - 7 (5 técnicos e 2 superiores).



Os cursos técnicos são ofertados por Colégios Estaduais, Centro de Educação Profissional ou Institutos Federais, somando um total de 85 cursos. Foram identificados 33 cursos técnicos espalhados nos Institutos Federais do Acre (campus Sena Madureira, Rio Branco e Xapuri); Alagoas (Piranhas, Maragogi, Murici); Amazonas (Manaus – zona leste); Baiano (Valença); Maranhão (Buriticupu); Norte de Minas (Araçuaí); Sudeste de Minas (Muriaé, Rio Pomba); Pará (Marabá – Rural); Piauí (Corrente); Paraná (Telêmaco Borba, Campo Largo, Umuarama, Assis Chateaubriand, Curitiba, Ivaiporã, Paranaguá, Irati); Rio grande do Norte (Ipanguaçu); Rondônia (Cacoal); Farroupilha (Alegrete); Santa Catarina (Lages, Canoinhas, São Miguel do Oeste); Catarinense (Luzerna, Rio do Sul, Videira); Sergipe (Nossa Senhora da Glória); Tocantins (Palmas). Existem cursos em colégios técnicos vinculados a Universidades como a UFRRJ, UFPR, UTFPR e UFSM.

Observou-se que estes cursos são ofertados em diferentes modalidades: concomitantes com o ensino médio, cursos pós-médio, presenciais, à distância, na modalidade EJA e alguns mediados pela Pedagogia da Alternância. Alguns cursos foram criados para atender demandas específicas regionais e de movimentos sociais do campo, outros vinculados a projetos de extensão ou pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Temos como exemplo o ETEC de Teodoro Sampaio que em 2010 ofereceu 120 vagas para moradores de áreas de assentamentos dos municípios de Euclides da Cunha, Rosana e Teodoro Sampaio. Também é o caso do Colégio Técnico da Unicamp, onde o curso aconteceu via um programa de Educação do Campo entre 2008 e 2010. Os cursos do IFPR são ofertados com recursos do PRONERA no Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia – CEAGRO, no assentamento Jarau, em Cantagalo; uma segunda unidade em Rio Bonito do Iguaçu, no assentamento Ireno Alves; na Escola José Gomes - EJG sede do Instituto Técnico de Educação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITEPA, assentamento Antônio Companheiro Tavares, em São Miguel do Iguaçu e na Escola Milton Santos - EMS em Maringá. Foi criado entre os anos de 2009 a 2010 o curso técnico em agroecologia em 5 Escolas Estaduais do Campo no estado do Mato Grosso, sendo 2 destas escolas em áreas do Projeto de Assentamento Rural. E a escola do MST do Km 41 da estrada de São Matheus e Nova Venécia no Espírito Santo.

Quanto aos cursos Superiores, dos 26 existentes, 11 estão em Universidades, sendo na UFSCAR, UFPB, UEPB no grau de bacharelado e na modalidade presencial; na UNC (Santa Catarina) o bacharelado é na modalidade à distância em vários municípios. De grau tecnológico são encontrados na UEMS, UFRB, UFPA, UFCG, UFPR, URCAMP e na UEA nos municípios de Itacoatiara e Paratins. Os outros 13 cursos de tecnólogo em agroecologia estão nos Institutos Federais: IFPE, IFAM, IFPA, IFS, IFSP, IFSertão-PE, IFB, IFPR, IFAC, IFCE, IFRN, IFPB (2 cursos nos municípios de Souza e Picuí). E 2 cursos de bacharelado no IFSEMG nos campi Rio Pomba e Santo Dumont.

Constatou-se, também, a existência de cursos superiores de Educação do Campo com formação em Agroecologia, como por exemplo, o da UFRRJ onde o curso de Licenciatura em Educação do Campo, criado em 2010, oferece uma área de agroecologia e segurança alimentar. Uma característica pedagógica desses cursos é a formação por alternância, mediado pelos saberes organizativos do campesinato e acadêmico, que dialogam entre tempo escola e tempo comunidade.

A criação desses cursos vinculados ao MST encontra-se no bojo do movimento de luta dos sujeitos assentados pelo direito à educação, potencializada pela luta por Reforma Agrária “Por



uma Educação do Campo” e de construção de um Projeto Popular de Desenvolvimento para o Campo (GUHUR; SILVA, 2010).

Aproximações entre a pedagogia da alternância e agroecologia

Entendendo a agroecologia como filosofia e uma ciência oriunda de um sistema social que se questiona sobre as degradações ambientais devido a massiva intervenção do homem sobre a natureza. A formação por alternância destaca-se como sendo um modelo curricular e de educação integral para socialização, problematização e transformação da realidade, não se limitando somente as atividades de profissionalização para ensinar indivíduos a plantarem orgânicos. Nesses cursos os fundamentos e a metodologia de cada experiência dos atores políticos vão dando sentido a instrumentalização didática pelas contextualizações locais/regionais, desses sujeitos que cotidianamente travam a luta social pela terra.

A pedagogia da alternância é oriunda de experiências da Itália e da França, e começou a ser adotada no Brasil pelas Escolas Famílias Agrícola (EFAs) em 1969. A EFA é um sistema educativo em que a formação por alternância é sua base metodológica específica. Apresenta conexões com a pedagogia libertadora de Paulo Freire, que compreende a “educação como processo de conscientização”. Para Paulo Freire, aprender tem sentido quando nos envolvemos no compromisso de transformar a realidade, neste sentido, o educador e o educando aprendem e ensinam ao mesmo tempo (BEGNAMI, 2004).

Os movimentos em prol do ensino agroecológico

Desde 2006 uma Comissão Interministerial de Educação em Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção realiza atividades para se discutir o ensino de agroecologia na educação formal e não-formal. Aconteceram, desde então, dois Fóruns Nacionais no ano de 2007, em Guarapari, e 2009, em Curitiba. Os debates entre os setores do Governo Federal e as Instituições de Educação deixam clara a necessidade de realização de debates mais profundos e permanentes sobre a proposta político-pedagógica para os cursos de Agroecologia que estão sendo criados no país (CBA, 2011). O relatório do evento de 2009 apresenta um abaixo-assinado reivindicando ao SETEC/MEC a criação de um GT de “Educação Agroecológica” com a missão de elaborar um documento que oriente diretrizes para Políticas Públicas para de ensino agroecológico. E a necessidade de ampliar os processos de formação de professores e educadores em agroecologia (BRASIL, 2009a).

O documento “(Re)significação do Ensino Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica” apresenta sínteses de Seminários Regionais e do Seminário Nacional do Ensino Agrícola. As discussões evidenciaram que as transformações ocorridas em todas as áreas das atividades humanas e na sociedade, através de novas formas de pensar, agir e produzir impõe a necessidade de ser repensada e reestruturada essa modalidade de Educação Profissional e Tecnológica (MEC/SETEC, 2009).

No VII Congresso de Agroecologia em 2011 ocorreu um evento paralelo intitulado “Seminário: Educação Formal em Agroecologia” que demonstrou claramente a relação política entre os movimentos sociais e pesquisadores. Os desafios que se colocaram naquele evento passam principalmente na opinião dos participantes de uma reformulação nas estruturas de poder acadêmico, de formação e de produção do conhecimento.



Considerações finais

A diversidade existente entre os cursos de agroecologia passa a ser objeto de interesse nas pesquisas sobre a formação agroecológica. Visando entender os processos de origem, implantação, desenvolvimento e perspectivas desses cursos é que este estudo vem se desenhando. No momento são diversos cursos com suas particularidades dependendo dos níveis e modalidades. Acreditamos que a aproximação com a educação do campo e a cultura popular atrelada ao saber científico em bases ecológicas só tem a contribuir com a emancipação dos sujeitos se colocando contra hegemonicamente ao modo de produção e de socialização alicerçados numa estrutura agrária do grande latifúndio e da grande empresa agrícola que prosperou com a distribuição desigual da terra e de renda e a degradação ambiental.

Agradecimentos

À UFRRJ pela Bolsa de Mestrado e ao programa de Pós-graduação em Educação (PPGEduc) pelo auxílio.

Referências

- AGUIAR, M. V. A. Educação em Agroecologia – que formação para sustentabilidade? **Revista Agriculturas**. v. 7, n. 4. p. 4-6, 2010
- BEGNAMI, J. B. Uma geografia da Pedagogia da Alternância no Brasil. **Documentos Pedagógicos**. UNeFAB, 2004.
- BRASIL. **Relatório do II Fórum Nacional de Educação em Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção**. Curitiba, PR: MAPA, MDA, MMA, MEC e MCT, 2009a.
- _____. **(Re)significação do Ensino Agrícola de Rede Federal de Educação Profissional de Tecnológica**. Brasília, DF: MEC/SETEC, 2009b.
- CBA. Relatório do Seminário: Educação Formal em Agroecologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 7. Fortaleza, CE: ABA, 2011.
- COSTA, M. B. B. Formação Superior em Agroecologia: a experiência da Universidade Federal de São Carlos. **Revista Agriculturas**. v. 7, n. 4, p. 26-28, 2010.
- GUHUR, D. M. P; SILVA, I. M. S. Contribuições do diálogo de saberes à educação profissional em agroecologia no MST. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2. Brasília: MST, 2010.
- WEID, J. M. von der. Alimentando o mundo no século XXI. **Revista Agriculturas**. v. 8, n. 1, p. 8-11, 2012.